



Entrevista

SOREYA REYES

CONSUMIDOR DIGITAL NÃO. CRIADOR DIGITAL!

CONSUMIDOR DIGITAL NÃO. CRIADOR DIGITAL! ENTREVISTA COM SOREYA REYES GONZÁLEZ

POR

Marcio Fernandes

Maria Aparecida Knuppel

Scheyla Horst

Embora tenha uma base no México, onde vive, Soreya Reyes González é uma cidadã do mundo. Hoje diretora da EducaTech México, fundação educacional, a cientista já esteve em projetos em ações envolvendo E-Learning, Gestão Universitária, Educação Continuada, Planejamento Estratégico e muito mais tanto em outros países da América como da Europa e da Ásia. Por muitos anos, trabalhou e pesquisou para a Universitat Oberta de Catalunya (UOC, Espanha), onde também concluiu doutorado em E-Learning e Internacionalização. Nos Estados Unidos, foi líder de projetos na General Electric e na Emerson Electric, dois dos maiores grupos empresariais do planeta. É fluente em Inglês, Catalão, Francês e Turco. Em setembro passado, quando de visita ao Brasil, a convite da Unicentro (Paraná), Udesc (Santa Catarina) e Abruem (que reúne universidades estaduais e municipais brasileiras), concedeu entrevista à revista Aproximação. Confira, a seguir, os principais trechos:

Aproximação: Quais as relações entre o aprendizado híbrido e as metodologias ativas que usam ambientes colaborativos?

Soreya: Trabalho atualmente em EducaTech, que é uma fundação que dá apoio e suporte às instituições educativas, principalmente na mudança que essa transformação digital causa, ao passar da Educação Presencial para a Educação Híbrida e para a Educação a Distância. Atuo nessa modalidade, que é um *continuum* de tecnologia. A formação híbrida nasce como uma necessidade desta transformação digital, do estudante que está na aula utilizando tecnologias dentro da sala, para utilizá-la também fora em esses espaços em que se fazem colaboração, trabalhos de casa, incluindo pessoas que trabalham e estudam. A Educação Híbrida é a resposta a alguém que tem necessidades de mobilidade, de diferentes estudos e trabalhos, então lhes dá essa flexibilidade. Agora, quais tecnologias são utilizadas na metodologia híbrida? Sobretudo, o que tentamos na docência é aproveitar ao máximo a prática pedagógica utilizando e desenvolvendo as estratégias cognitivas dentro da aula que favoreçam a presencialidade, o trabalho em equipe, as aulas invertidas, onde os alunos fazem trabalho de leitura da teoria em casa e a prática é desenvolvida dentro da sala de aula, de tal maneira que o estudante possa desenvolver diferentes competências dentro da sala e fora, desenvolvendo outras que têm relação com uso de tecnologia, sobretudo alfabetização digital, isto é, como utilizar áudio, vídeo, textos e hipertextos, para buscar informações aqui, ali, principalmente para resolver um problema, para resolver um projeto. Para trabalhar em algo concreto. E isso é colaborativo. Então, o uso das ferramentas implica entrar em acordo com outros estudantes, estar conectado num momento preciso, trocar informações. Colaborar dentro de um documento, um mesmo documento online, editado com diferentes partes. Então essas ferramentas se incorporam a

este modelo de aprendizagem. Atualmente, temos ferramentas de apoio que são abertas, o que implica que estes conteúdos já podem chegar ao uso de diferentes pessoas, não somente a uma classe social que tenha acesso a tecnologias e que tenha pago. Isso ajuda na democratização do conhecimento.

Quais as competências que os alunos desenvolvem em processos de formação híbrida?

As competências que os alunos desenvolvem em processos de Educação Híbrida têm relação com, primeiro, a presencialidade, a aula tradicional: já não é o professor que comanda a aula, não está mais tudo centrado no docente, agora está centrado no processo de aprendizagem, em como aprendo a partir do conhecimento que trago e que cada uma das pessoas traz. Então, é uma aprendizagem colaborativa. As ferramentas que são utilizadas na sala de aula têm bastante relação com debate, diálogo e construção de equipes, criação de equipes para que apresentem resultados sobre uma temática. Na aprendizagem híbrida, fomenta-se muito também o autoestudo, em que o aluno precisa desenvolver fora da aula, num trabalho em casa ou num espaço fora da instituição educacional, pois precisa ser organizado, disciplinado, com sequência: tem que ler, ver um vídeo, obter a parte teórica, sobretudo para as aulas invertidas em que, na modalidade presencial, desenvolvem-se dentro dos espaços da aula, a aprendizagem com outras ferramentas. A hibrididade ajuda que o estudante tenha essas ferramentas, habilidades e competências que são requeridas no século 21, que são desde trabalhar em equipe, resolver problemas complexos, habilidades comunicativas, habilidades de criatividade, como resolver um problema de maneira criativa e não da maneira tradicional. Pensar de maneira diferente. Felizmente, na aprendizagem híbrida - parte presencial e parte virtual -, os alunos podem desenvolver competências em ambos os sentidos: na virtualidade, fazemos com que os estudantes tenham habilidades digitais, de comunicação - muito por escrito -, verbais, tenham habilidades de busca de informação em diferentes fontes, verificação dessas fontes, trabalhar em equipe com pessoas que não estão em um mesmo espaço, nem ao mesmo tempo, mas que de alguma maneira colaboram para desenvolver um projeto. E essas são as habilidades que são esperadas dos cidadãos do século 21. Quando vão ao mercado de trabalho, as empresas buscam isso: pessoas que sejam capazes de resolver problemas de maneira diferente, pensando e utilizando diferentes tipos de tecnologias como ferramentas de apoio e de comunicação.

Quais são as vantagens das metodologias ativas para a Educação Superior?

Bom, estamos formando cidadãos globais para resolver problemas locais. Pensar global significa estar conectado ao mundo, sabemos que o conhecimento não está apenas na universidade, mas em muitos lados e é preciso hibridizar as fontes de informação para ter diferentes pontos de visão no mundo, é pos-

sível buscar informação, comparar como se resolvem os problemas em outros locais, quais resultados foram obtidos, de tal maneira que há muita atividade buscada e muita informação disponível que temos hoje em dia e que temos que resolver problemas locais pensando de uma maneira global porque todos resolvemos problemas em nosso entorno, mas estamos abertos ao mundo de alguma maneira, e aos seus impactos. Então, a Unesco trabalha na implantação dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e propôs 17 objetivos para que sejam trabalhados em todo o mundo, que contemplam a qualidade da educação, comida e água para todos, educação, saúde, infraestrutura, enfim, 17 metas que se trabalham de maneira transversal, sendo que todos estamos imersos a trabalhar nisso, porque nos afeta de maneira real. Em definitivo, formar cidadãos globais para resolver problemas locais é um dos grandes objetivos das universidades e a aprendizagem híbrida, com novas tecnologias, ajuda a mudar a mentalidade. A aprendizagem utilizando tecnologias ativas dentro da ideia de colaboração, cooperação, abre espaço para pessoas de diferentes nacionalidades, então pensar que limitamos *online* a um tempo e espaço, vemos como a Internet abre as fronteiras. A possibilidade de colaborar com outros estudantes, com outros professores ao redor do mundo, trabalhar e fazer pesquisas, investigações, em resolver problemas comuns e esse trabalho colaborativo é sequente, cada um faz um avanço, então há um projeto que pode colaborar. Eu promovo muito a mobilidade virtual, a colaboração entre pares, de maneira internacional, graças às novas tecnologias estamos em contato com outras pessoas ao redor do mundo que têm problemas similares, que têm necessidades formativas, e que podem colaborar em projetos comuns.

Como você vê a formação de professores por meio de uso de tecnologias educacionais e que impacto isso traz para o Ensino? Qual o perfil docente que precisamos para o século 21, a partir da trilogia "Tecnologia, Saberes e Competências"?

Tradicionalmente, a formação se centrou em processos do docente como maestro, como gerador de conhecimento. Essas metodologias mudaram. Agora, estamos falando que a aprendizagem se gera, que o centro do processo é que o aluno aprenda, e o professor é responsável por apoio e guia na aprendizagem. Há uma mudança geracional em andamento, na qual temos em aula professores que foram formados com tecnologias que eram exitosas em seu momento, mas que tiveram de ser alteradas já que a transformação digital faz todos evoluírem - os atores da sociedade, os novos nativos digitais requerem novas maneiras de aprender, eles têm uma visão diferente de como resolver, têm uma pressa por informação, buscam, eu não sei, mas o Google sabe, e aí buscam informações, vídeos, são autodidatas. Isso faz com que a carreira docente tenha que ser repensada. Formando-se para serem motivadores, geradores da formação e não o centro do processo, mas guias e como se construir um programa que possa ser desenvolvido por competências, onde o estudante possa erguer sua própria aprendizagem também passando uma parte do que traz como experiência de origem. Os docentes mais jovens se adaptam mais rapidamente à mudança

pois, de alguma maneira, são arrastados por essa transformação digital, os que têm muitos anos de docência são mais resistentes à mudança. A alteração alcança a todos, nós gostemos ou não. É algo que não só afeta a docência, mas também a maneira como trabalham os médicos, os engenheiros, os economistas, enfim, está gerando uma mudança na maneira como nos comunicamos, resolvemos problemas e, portanto, é necessário se adaptar a essa mudança. Isso implica uma transformação. Um docente agora tem que ter essa vontade de inovar, esse desejo de inovar. E se não tivermos uma atitude frente a esta mudança, uma atitude positiva, nós vamos ficar ultrapassados. O conhecimento sempre vai ser maior se realmente pesquisamos as mudanças e transformações.

Como avançar em projetos de inovação tecnológica e educacional e considerar o papel dos conceitos humanos, culturais e científicos?

Como podemos avançar no âmbito tecnológico sem deixar a parte humana para trás? Se centramos a formação na Tecnologia, nós estaremos nos equivocando. A Tecnologia é um meio. São as pessoas que têm que estar dentro do processo educativo. Como aprendem. E a Tecnologia vem para apoiar esse processo. Como ponderei antes, formamos cidadãos para resolver problemas locais com uma visão global e fazemos isso apoiados pelo uso da Tecnologia. Creio que é nosso objetivo como universidade nos transformar para que possamos mudar a sociedade. Inovar a Educação para que inovem também, mudem eles os espaços de trabalho onde realizam e desempenham. De tal modo que a sociedade possa ir avançando. A Tecnologia nos fez mais dinâmicos e também, de alguma maneira, as relações humanas ficaram mais efêmeras em algum ponto, pois nos comunicamos de maneira rápida, resolvemos, mas não temos essa relação a fundo com as pessoas. Isso não podemos deixar de lado. O desafio é criarmos seres humanos com valores, competências e princípios que desenvolvam seus trabalhos com um objetivo maior de desenvolvimento social e humano. A parte humana tem que estar presente. É muito se diz que a Inteligência Artificial vai se encarregar de certas tarefas. Nós temos esse medo, pensamos o que vai acontecer com nossos trabalhos, se agora vai ser feito por uma máquina. Isso ocorreu também na Revolução Industrial, mas o importante é o que eu faço de valor que uma máquina não pode fazer? Esse sentido de criatividade, de inovação, de resolver problemas com sentido humano é qualidade dos humanos. O que temos de mais valioso em relação ao futuro é que devemos formar pessoas com valores e que possam fazer essa transformação tendo a Tecnologia como meio.

Como trabalhar o conceito de Inovação Digital nas universidades buscando essa relação com a sociedade e com o próprio mercado?

A dicotomia na relação entre universidade e empresa sempre foi criticada, pois as universidades fazem pesquisas, não desenvolvem profissionais que as empresas realmente estão requerendo e contratando, esse vínculo de comunicação

entre universidade e empresa, no âmbito das universidades públicas, sempre há uma crítica, no sentido de que é preciso formar profissionais que as empresas precisam. Nesse sentido, precisamos colaborar em projetos comuns, sobretudo propostas de desenvolvimento. Os doutorados industriais são um passo de colaboração onde ambos estão trabalhando sobre investigações que lhes interessam e geram desenvolvimento. E aportam pessoas e recursos para esse projeto. Então, a transformação digital afeta todos. Mas nos conecta também. É saber que não podemos resolver problemas sozinhos, mas que temos que colaborar e ser parte de como resolver problemas. É a vontade institucional que realmente tem que abrir para que existam esses espaços de colaboração que já são permitidos pela Tecnologia. Ter tutores em empresas, que ajudem nossos estudantes a realizar seus projetos para poderem se graduar. Temos que seguir nessa mão porque estamos construindo juntos a sociedade de maneira colaborativa. A relação entre a universidade e empresa nunca foi amigável, sempre houve alguma crítica sobre que os egressos não estão preparados para enfrentar os desafios das empresas. Quando alguém me pergunta qual habilidade e qual competência são necessárias, digo que, mais que técnicas, mais que competências técnicas, é saber colaborar para resolver problemas complexos, desenvolvendo com novas tecnologias, desde liderar, até comunicação, trabalho em equipe. A inovação e a criatividade são como competências requeridas que estão na lista do top 10 de um profissional. O conhecimento tecnológico vem em segundo lugar quando se busca um especialista de Mecânica, por exemplo. Qual a explicação? Qual função nós temos dentro dessa sociedade? Em todas aquelas habilidades que as máquinas não podem realizar, e aí está a criatividade, em como resolvemos problemas de maneira criativa, como inovamos e falamos a linguagem das máquinas nesse sentido é saber um pouco de programação, de desenvolvimento de aplicativos, para poder de alguma maneira transmitir e desenvolver novos processos e nós devemos mandar as máquinas, e não o contrário. A relação entre a universidade e empresa tem que ser entre pares.

A universidade tem uma grande função dentro de nossa sociedade. Todo esse conhecimento hoje em dia, que a sociedade investe pagando impostos para ter fundos públicos, para fazer mais pesquisa, de alguma maneira podemos reverter esse desenvolvimento e compartilhar para a democratização do conhecimento, sobretudo da sociedade, através do desenvolvimento de Recursos Abertos, de compartilhar vídeos, de MOOCs (cursos online massivos). Que sejamos cada vez mais abertos a compartilhar, com direitos autorais livres. Não devemos criar consumidores digitais, mas criar produtores digitais, criadores digitais. Isso quer dizer que eu contribuo a partir do que sei, do que aprendi, do que desenvolvo, de tal maneira que nosso trabalho através da rede, de uso de Tecnologia, de Internet, seja parte consumo, mas que também possamos compartilhar e desenvolver, por esse portfolio de produtos e conhecimentos compartilhados com o resto da sociedade, isso implica também uma mudança da maneira de pensar. De consumidor para criador digital!